



X

## REFLEXÕES SOBRE A GUERRA

Heitor A. Herrera

*O autor é General-de-Divisão R-1 e possui os cursos da Escola Militar do Realengo, Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Escola de Comando e Estado-Maior do Exército dos EUA, Curso de Comando e Estado-Maior das Forças Armadas e Escola Superior de Guerra.*

*Dentre as principais comissões exercidas salientam-se as de Oficial de Ligação das Forças Armadas junto ao Itamaraty, Membro da Delegação do Brasil às IX e X Conferências Interamericanas, Instrutor da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército dos EUA e do Curso de Estado-Maior e Comando das Forças Armadas e Membro do Corpo Permanente da Escola Superior de Guerra.*

*Conferencista da Escola Superior de Guerra e das Escolas de Comando e Estado-Maior do Exército e da Aero-náutica.*

*É autor de diversos trabalhos dentre os quais destaca-se "A Estratégia dos Aliados na Segunda Guerra Mundial", publicado pela Biblioteca do Exército.*

### A Guerra como fenômeno social

**A** Guerra constitui, sem dúvida, o mais espetacular dos fenômenos sociais e sua poderosa influência sobre a evolução da Humanidade aparece desde os mais recuados registros dessa evolução.

À luz de tais registros, parece certo que foi a Guerra que deu origem à História, tanto assim que esta começa por ser, exclusivamente, um relato de conflitos armados.

O que sabemos da pré-História é pouco mais do que um confuso e contínuo combate do homem primitivo, utilizando as garras e os dentes para subsistir.

A Idade Antiga, quando floresceram as civilizações do Egito, da Mesopotâmia, da Grécia ou de Roma, é toda uma série de repetidas invasões e de revoltas

sangrentas, das quais nos ficou um caleidoscópio colorido onde despontam, como marcos distintivos, as lendas da Guerra de Tróia e do Walhalla, com os guerreiros bebendo o hidromel no crânio dos vencidos. E são os hicsos invadindo o Egito e é o esplendor de Nínive destruído pelos medas e babilônios; e são as longas lutas entre gregos e persas, marcando o apogeu helênico com Milcíades em Maratona, Leônidas nas Termópilas e Temístocles em Salamina. A seguir, é ainda a Guerra — agora entre Roma e Cartago — com a trajetória fulgurante de Aníbal; e é o primado de Roma, graças às conquistas de Pompeu e de César. Depois, encerrando seus cinco séculos de domínio, é o Império Romano desmoronando ante as invasões dos bárbaros.

A Idade Média lembra Carlos Magno e Guilherme o Conquistador, a Cavalaria e as Cruzadas, a Guerra dos Cem Anos e a invasão dos mongóis, com a queda de Constantinopla pondo fim à longa noite de dez séculos.

Desponta, então, a aurora da Renascença — mas a pólvora é inventada antes da imprensa e a série continua com a fundação, não raro pela violência, dos grandes impérios coloniais propiciados pelos descobrimentos. E é o fuzil, derrubando o feudalismo, que dá força à centralização monárquica. Seguem-se as longas guerras religiosas do século XVII, até que o Tratado de Westphalia lhes pusesse termo e se inscrevesse como um dos grandes marcos da História. Mas a monarquia prussiana não tarda a firmar-se, apoiada no gênio guerreiro que Frederico o Grande provou em numerosas batalhas sangrentas. E é ainda no mar de sangue da Revolução Francesa que se encerra a chamada Idade Moderna.

Logo a seguir são a epopéia napoleônica e a Santa Aliança, as revoltas das colônias na América e as lutas pela independência nacional na Europa; é a unificação do império germânico de Bismark, através de duas campanhas vitoriosas.

Finalmente, neste nosso conturbado século XX, são as guerras recebendo não só o qualificativo de mundiais, mas também — e sintomaticamente — um número, como se tivéssemos receio de perder-lhes a conta.

Este resumo desalinhavado tem apenas em mira assinalar de como os principais marcos de referência da História, seus grandes pontos de inflexão, a charneira que liga seus diversos compartimentos — é em geral a Guerra. Foi sob o impacto de sua ocorrência que — como assinala Gaston Bouthoul ("Les Guerres") — pereceram quase todas as civilizações antigas; quanto às novas, são ainda os grandes acontecimentos militares que marcaram seu advento e sua afirmação. Finalmente, foi quase sempre pela Guerra que se estabeleceram as primazias asseguradoras, por um período mais ou menos longo, de determinado tipo de sociedade à testa da evolução dos grupamentos humanos.

Se, ao invés da História, passássemos rapidamente os olhos pelo campo da ciência e da técnica, não seria difícil encontrar também a poderosa influência da Guerra, bastando recordar que foi sob sua nervosa pressão que se mobilizaram os fantásticos recursos humanos e materiais, responsáveis por uma das mais espetaculares conquistas do engenho humano, qual a da desintegração do átomo, liberando energias insuspeitadas.

Por sua vez, a Mecânica, a Física e a Química registraram notáveis aperfeiçoamentos provocados por necessidades de natureza bélica, como também aconteceu na Medicina, especialmente quanto à higiene, à cirurgia e à dietética.

No campo do Direito — forçado pelo espectro da Guerra a desdobrar-se em mais um ramo especializado, na tentativa de estabelecer princípios reguladores das eternamente tensas relações internacionais — seria possível apreciar os renovados e por vezes ingênuos esforços em prol da *humanização* dos efeitos dos novos engenhos de morte que o homem criou. É que houve época em que os vencedores devoravam os vencidos; depois (evolução!) passaram a escravizá-los; hoje, os prisioneiros de Guerra são tratados — ou, pelo menos, deveriam sê-lo — segundo normas formalmente estabelecidas. Por outro lado, um dos Concílios de Latrão já havia proibido o emprego do arco e da flecha, porque desumanos, e o Papa Inocêncio III, pela mesma razão, ameaçou excomungar os arcabuzeiros. Proibiu-se o uso das chamadas balas dundum. Após a 1ª Grande Guerra, os gases e os agentes bacteriológicos foram incluídos no rol das armas condenadas e legislou-se sobre o bombardeio das cidades abertas — tudo com o nobre objetivo de livrar a população civil do morticínio indiscriminado, nos bons tempos em que *beligerantes* eram apenas os que portavam os sinais ostensivos que os caracterizavam, sendo, por isso mesmo, objeto de tratamento específico, quando prisioneiros ou feridos.

## A evolução da Guerra

A análise de um fenômeno tão complexo como é a Guerra tem sido ensaiada segundo os mais variados ângulos. Consideradas exclusivamente as repercussões da influência dos instrumentos materiais de destruição, será possível acompanhar essa evolução simplesmente *medindo* as distâncias que, ao longo dos séculos, têm separado os contendores.

No alvorecer da história da humanidade, somente o corpo-a-corpo dava sentido ao combate, com a utilização dos punhos e dos dentes, reforçados pelo machado ou pelo tacape. Então, a distância entre os adversários se contava por *centímetros*.

A seguir, a lança romana ou a sarissa grega permitiram que a unidade aumentasse para o *decímetro*.

Uma ampliação dessa unidade — agora o *metro* — correu por conta das armas de arremesso (a flecha e a catapulta), ainda utilizando, como nos casos anteriores, a força muscular do homem.

O aparecimento da pólvora nos campos de batalha deu início a uma nova fase, caracterizada pelo recurso às cargas de projeção. Surgiram assim as armas de fogo individuais — bacamarte, escopeta, mosquete — aumentando para o *decâmetro* o estalão dos intervalos, logo ampliado para o *hectômetro*, com o surgimento do canhão.

Os progressos introduzidos no recuo, no avanço e nas próprias cargas de

projeção provocaram mais um passo na escalada do afastamento dos contendores, medindo-o agora por *quilômetros*.

Todavia, em seu anseio milenar e constante de destruição, o "homo homini lupus" não cessou de procurar novos meios de atingir o adversário que se refugiava na distância. Quando esgotados os recursos que tornavam os alcances cada vez maiores, o advento do motor abriu novas perspectivas, agora com a possibilidade de *transportar* o projétil até o alvo, ao invés de lançá-lo. Assim, o avião se encarregou de vencer intervalos que cresceram rapidamente, contados então por *centenas de quilômetros*.

Não satisfeito com isso, o engenho humano conseguiu galgar mais um degrau, acopiando o motor no projétil, de tal sorte que, praticamente, não há hoje, neste minguado globo terrestre, um alvo que esteja fora do alcance do adversário potencial, dispensando-se assim a busca de novos parâmetros para medir distâncias que não são mais obstáculos contra a inclemência dos golpes.

Finalmente, se quiséssemos dar asas à imaginação, invadindo o fértil terreno da ficção científica, poderíamos admitir mais um lance na ampliação do espaço — agora interplanetário — que separa os contendores. E então, a unidade de medida seria o *ano-luz*.

Outro possível enfoque para a análise da evolução da Guerra é do ponto de vista de sua abrangência.

Ao tempo do conflito de 1914-18, o General Ludendorff formulou o conceito de *guerra total*, resumindo uma tendência que já então se fizera notada.

Segundo aquele renomado chefe alemão, a totalização da guerra resulta de cinco proposições básicas:

- primeiro, os limites do Teatro de Guerra se confundem com os de todo o território dos países beligerantes;
- segundo, não são apenas as Forças Armadas, mas toda a população, os participantes ativos do esforço de guerra, exigindo a adaptação do sistema econômico aos objetivos da luta;
- terceiro, a mobilização de grandes efetivos torna imperioso devotarem-se atenções especiais, por meio da propaganda, para o fortalecimento do moral nacional e, ao mesmo tempo, enfraquecimento da coesão política da nação inimiga;
- quarto, o desencadeamento das operações deve ser precedido de longa e minuciosa preparação, tendo em vista arregimentar os recursos não apenas de ordem militar e política, mas também os econômicos e psicológicos;
- finalmente, para que o esforço nacional seja integrado e eficiente, a guerra total deve ser dirigida por uma autoridade suprema — a do comandante-chefe.

O segundo conflito mundial não fez mais do que ratificar o conceito apre-

sentado por Ludendorff: a simples força das armas provava insuficiente para que um dos beligerantes pudesse impor sua vontade sobre a do inimigo. A necessidade de fazer com que interviesse na luta todo o conjunto do Poder Nacional, justificou a réplica ferina de Clémenceau: a guerra é um problema por demais complexo, para que sua solução seja entregue apenas aos generais.

Em face dos exemplos de todos os dias, propiciados pelos múltiplos e constantes conflitos de toda ordem entre os Estados, parece desnecessário insistir a respeito da conceituação de guerra total. Registramos apenas que este quadro potencial de tragédia não constitui fenômeno novo, sendo antes uma reedição — evidentemente aumentada — das formas tão encontradas em civilizações hoje desaparecidas, quando foram *totais* as guerras que arrasaram Tróia ou Babilônia, Ninive ou Cartago.

É verdade que, com a expansão territorial dos Estados, aliada à precariedade das comunicações e ao reduzido alcance e poderio dos meios de destruição, tornou-se possível, durante muito tempo, circunscrever a luta às linhas de frente. Tal foi, em geral, o panorama dos conflitos dos séculos XVIII e XIX. Mesmo no atual, a guerra russo-japonesa forneceu exemplo característico dessa limitação, haja vista o esplendor em que se pavoneava a corte de São Petersburgo, completamente alheia aos sofrimentos, às derrotas de suas forças armadas no Oriente da Ásia.

Em nossos dias, porém, quando o braço da morte ignora distâncias e as bombas podem ser transportadas em aviões a jato, em projetis dirigidos, em foguetes de alcances cada vez maiores e com velocidades que se contam em relação à do som; quando a preocupação de aniquilar ou, pelo menos, reduzir o poderio do adversário não conhece mais limitações, extravasando de muito o campo militar, para revestir uma forma integrada de ação estratégica, onde as forças armadas se alinham, ombro a ombro, com as econômicas, as políticas e as psicossociais, numa mobilização total contra a ameaça onipresente; quando nos vangloriamos dos espetaculares progressos de nossa civilização — na verdade estamos reeditando, apenas com maior rebuscamento, a vigília do homem primitivo, permanentemente com a clave ao alcance do braço felpudo, ante a iminência do ataque traiçoeiro que lhe rondava a caverna.